RAFAEL BUTTINI SALVIATO

TEXTO DE POSICIONAMENTO: ORIGENS DA VANTAGEM COMPETITIVA

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Economia das Organizações, do Programa de Pós-Graduação em Economia, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Professor: Prof. Dr. Ricardo Lobato Torre

CURITIBA

2023

TEXTO DE POSICIONAMENTO: ORIGENS DA VANTAGEM COMPETITIVA

Rafael Buttini Salviato

Em seu trabalho, Nelson (2006) discorre sobre as causas da diferença de comportamento das empresas, contrapondo a visão neoclássica onde as empresas possuem o mesmo comportamento e que a inovação é exterior à elas, com a visão evolucionista da economia, onde as empresas se diferem de forma expressiva e possuem um papel ativo na promoção e criação das inovações. O autor deste trabalho é Richard Nelson, que junto com Sidney Winter, propuseram a corrente de pensamento da economia evolucionária, e escreveram a obra "*An Evolutionary Theory of Economic Change"* (1982). Nelson (2006) entende que a diferença das empresas se dá em termos de recursos, capacidades e estratégias, e é justamente dessa diferença que surge o crescimento econômico como consequência. Isso porque, a diferença é a causa primordial da inovação, que gera aumento de produtividade e da renda.

Vale destacar o posicionamento do autor em criticar a corrente teórica neoclássica, onde segundo o mesmo tal corrente não é capaz de explicar o crescimento econômico real. Para gerar crescimento é necessário inovação, e de acordo com Nelson (2006), na visão neoclássica as empresas inovam como se fosse uma escolha simples, onde no máximo há um comportamento probabilístico regido por alguma distribuição de probabilidades já conhecida. Neste contexto, o autor problematiza essa ideia, trazendo a complexidade e caoticidade (i.e: extrema sensibilidade às condições iniciais) das decisões envolvidas no processo de inovação. Ademais, há também a consequência da inovação, tanto para gerar mercados (i.e: gerar mais complexidade para um sistema econômico) quanto para mudar a forma como os participantes do mercado se comportam.

Para defender o seu ponto, o autor cita inúmeros exemplos da vida real. Dentre aqueles que merecem destaque, está o progresso de algumas empresas japonesas fronte as empresas americanas, que na época eram líderes no segmento tecnológico. Segundo o autor, e com base no trabalho chamado *Made in America*, que foi uma publicação editada em 1989 pela MIT Commission on Industrial Productivity, as empresas norte-americanas pararam no tempo: focaram numa produção em massa, e pouco flexível, que fazia sentido em épocas anteriores ao final do século XX, mas que já não faziam mais sentido na época em que o trabalho foi escrito. Por sua vez, as empresas japonesas de tecnologia promoveram a inovação no seu processo produtivo, o que lhes garantiu liderança de mercado e vantagem competitiva.

O autor também cita a diferença entre administradores e economistas no que diz respeito ao estudo das firmas, onde os primeiros (em especial àqueles que dão mais atenção a estratégia das empresas) focam nas diferenças discricionárias entre empresas como se fossem o objetivo principal delas, e os economistas por sua vez focam no desempenho geral do sistema, ou seja, no conjunto das empresas, sem dar muita atenção à diferença que existe entre elas. Nelson (2006) faz esse paralelo, justamente para chamar a atenção da comunidade dos economistas, e então divulgar seus ideais evolucionistas que sem dúvidas colocam a diferença entre empresas no centro do debate. Pois é justamente através dessas diferenças que o crescimento econômico surge, conforme citado anteriormente. Outro ponto que também vale o destaque, é a referência que Nelson (2006) faz à corrente de pensamento schumpeteriana. Nela, a inovação tecnológica toma o protagonismo da análise econômica, e também coloca em xeque a teoria do equilíbrio geral defendida pelos neoclássicos.

Em outras aulas, o trabalho de Winter (1993) foi exposto, e nele este autor elabora um quadro para expor a relação dos quatro paradigmas supracitados com base no seu foco principal (produção ou troca) e racionalidade da firma (coletiva ou individual): com foco principal em produção e a racionalidade da firma vista como individual temos a literatura ortodoxa, com foco principal nas trocas e a racionalidade da firma vista como individual temos a “working paper orthodoxy”, com foco principal na produção e racionalidade da firma vista como coletiva temos a economia evolucionária, e com foco principal nas trocas e racionalidade da firma vista como coletiva temos a economia dos custos de transação. Por fim, Winter (1993) compara a economia evolucionária com a economia dos custos de transação, pontuando que a economia evolucionária teve mais êxito em explicar o surgimento de novas firmas e desenvolvimento tecnológico, e a economia dos custos de transação teve mais êxito em explicar a estrutura organizacional das firmas.

Uma questão que deve ser interessante de ser feita, é no que diz respeito à construção do arcabouço teórico da economia evolucionista. Em que pontos ela se assemelha e diverge da biologia evolucionista? Por exemplo, na biologia evolucionista temos a pressão seletiva, conceito onde as condições ambientais favorecem determinados genes em relação a outros em determinada população, que é utilizado para explicar fenômenos como a resistência bacteriana. Será que a economia evolucionista também “empresta” conceitos como este para explicar (por exemplo) fenômenos como a busca que as empresas fazem para implementar áreas dedicadas à ESG ou inteligência artificial?

**REFERÊNCIAS**

NELSON, R. R. Por que as empresas diferem e qual é a importância disso? In: As fontes do crescimento econômico. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

WINTER, S. On Coase, competence, and the corporation. In: WILLIAMSON, O. E.; WINTER, S. (eds.). **The nature of the firm: origins, evolution, and development.** Oxford: Oxford University, 1993